



Mulheres na cena esquiliana: por uma caracterização linguística

Women in Aeschylean scene: a linguistic characterization

Jordi Redondo¹

email: Jordi.Redondo@valencia.edu

orcid: <http://orcid.org/0000-0002-5347-5830>

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v9i1.44467>

Tradução: Ana Thereza B. Vieira²

e-mail: atherezavieira@gmail.com

orcid: <http://orcid.org/0000-0002-8169-5152>

RESUMO: Este trabalho examina os dispositivos linguísticos por meio dos quais Ésquilo conseguiu apresentar as personagens femininas da *Oresteia*. A análise é feita após um levantamento das seções recitativas de três tragédias; características fonéticas, morfológicas e sintáticas foram estudadas e comparadas com a linguagem dos personagens masculinos. Os resultados desta pesquisa se ajustam a outras tentativas precedentes de mostrar como a sociolinguística pode explicar o retrato formal dos personagens trágicos e cômicos.

PALAVRAS-CHAVE: Ésquilo; *Oresteia*; personagens; sociolinguística; gênero

ABSTRACT: This paper examines the linguistic devices by means of which Aeschylus achieved the presentation of the female characters of the *Oresteia*. The analysis is made after a survey of the recitative sections of the three tragedies; phonetic, morphologic and syntactic features have been studied and compared with the language of the masculine characters. The results of this research fit with other precedent attempts to show how sociolinguistics can explain the formal portraiture of the tragic and comic characters.

KEY WORDS: Aeschylus; *Oresteia*; characters; sociolinguistics; gender

¹ Professor de Filologia Clássica na Universitat de València: Valencia, Espanha.

² Professora de Língua e Literatura Latina na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.



Introdução

Assim como em trabalhos precedentes sobre os socioletos do drama ático (REDONDO, 1997, 2002, 2015a, 2016a, 2016b), acenamos aqui à língua feminina na tragédia esquiliana. O estudo se centra sobre a *Oresteia*, um *corpus* composto em um mesmo período, além de ter uma extensão adequada a uma pesquisa satisfatória.

Na língua trágica, a *theoria recepta* fala de uma substancial não-diferenciação entre personagens masculinos e femininos³, talvez uma certa tentativa de Eurípides de lhes dar alguma distinção. Contudo, no caso de Ésquilo foi reconhecida uma caracterização dos personagens menores, como salientamos⁴. Esta pesquisa examina a possibilidade de caracterização no sentido em que as mulheres poderão recebê-la. Um objetivo menor pontua a determinação da linguagem usada por Clitemnestra, entendida por alguns estudiosos como uma mistura dos padrões masculinos e femininos, conforme o interesse de Ésquilo como autor⁵. Uma caracterização ‘masculina’ de Clitemnestra é explicitamente sugerida pelo guarda que pronuncia o proêmio da obra, *Ag.* 10-11 ὧδε γὰρ κρανεῖ / γυναικὸς ἀνδρόβουλον ἐλπίζον κέαρ, “assim [é] o coração de uma mulher capaz de pensamentos masculinos, cheio de esperança” (Trad. E. Medda). Também interessa Egisto, considerado ‘pouco viril’ nos comentários dos antigos, cuja caracterização linguística deveria revelar em determinado sentido⁶. A condição ‘feminina’ de Egisto vai além de uma sua validação, que se considera delineada: o epíteto ἀμύμων seria explicado como aplicação da construção formular, como simples ornamento (PARRY, 1973; NÜNLIST, 2009). Ao contrário, o epíteto ἀναλκις indicaria a verdadeira e justa natureza do personagem.

³ Rosenmeyer (1982, pp. 212, 220 e 235) considera os personagens, exceto Clitemnestra, criações artificiais, convencionais.

⁴ Rose (1956, p. 21): “(...) Nenhum caractere em Ésquilo (certamente incluindo os Coros) passa sob sua pena sem um olhar penetrante dirigindo-se às partes mais ocultas do ser, para descobrir tudo que ele pensa e sente”; Easterling (1973, p. 3): “(...) Qualquer detalhe da linguagem acrescenta toques sutis a uma personalidade elaborada e sutilmente desenhada, que assume ser o maior foco do interesse dramático”; Katsouris (1975, p. 35): “O vigia e o arauto em *Agamémnon* e a ama nas *Coéforas* são caracterizados por expressões idiossincráticas, adequadas à sua classe e posição social”; Rosenmeyer aceita certa caracterização dos personagens menores (1982, p. 216) e até dos principais, até mesmo em aspectos sempre secundários (1982, p. 220), mas que talvez não se reflita na língua (1982, p. 213): “(...) a fala esquiliana é formal e pública e, por isso, bloqueia, no nível da afirmação, o desenvolvimento de especificidade psicológica”; apenas Seidensticker (2009, p. 238) e Boas (2018, p. 332) se referem aos meios linguísticos utilizados para esta caracterização.

⁵ Podlecki (1966, p. 68) e Foley (2001, pp. 207-211) salientam o caráter masculino de Clitemnestra, cf. *Ag.* 1372-1398. Ao contrário, Pulleyn (1997) enumera uma série de motivos que o estudioso considera típicos da expressão feminina. McClure (1999, p. 70) observa a importância da trilogia com relação socioletal entre homens e mulheres: “(...) A trilogia configura o problema da fala na polis em termos de gênero”. Amendola (2005) transpõe o argumento para o nível social, entendido como uma ruptura da ordem estabelecida.

⁶ Veja-se Boas (2018, pp. 3030-3332) sobre a caracterização dos personagens esquilianos.

O corpus textual

Personagens femininos da *Oresteia* são Clitemnestra – cuja presença se torna um tipo de nexa na trilogia – e Cassandra em *Agamêmnon*; Clitemnestra, Electra, a serva Cilissa e as coreutas nas *Coéforas*; a profetisa, o espectro de Clitemnestra, Atenas⁷ e as coreutas nas *Eumênides*. O personagem de Atenas é excluído por sua natureza divina. Na recitação, as mulheres pronunciam 35% dos versos – 856 versos sobre um total de 2309 da recitação, depois que, de 3796, são descontados os 1487 versos líricos⁸. Conforme o princípio metodológico de excluir desde o início uma língua tão estilizada, como aquelas das seções líricas, as deixas são sempre provenientes da recitação:

Agamêmnon

Clitemnestra: 264–267, 269, 271, 273, 275, 277, 279, 281–306, 320–350, 587–614, 855–913, 931, 933, 935, 937, 939, 941, 943, 958–974, 1035–1046, 1050–1052, 1055–1061, 1064–1068, 1372–1398, 1401–1406, 1412–1425, 1431–1447, 1654–1661, 1672–1673 (= 249 versos).

Cassandra: 1178–1197, 1202, 1204, 1206, 1208, 1210, 1212, 1214–1241, 1246, 1248, 1250, 1252, 1254, 1256–1294, 1301, 1303, 1305, 1309, 1311, 1313–1314, 1316–1320, 1322–1330 (= 108 versos).

Coéforas

Electra: 84–105, 108, 110, 112, 114, 116, 118, 120, 122, 124–1251, 164–166, 168, 170, 172, 174, 176, 178, 180, 183–211, 481–482, 486–488, 490, 492, 494, 496, 500–502 (= 109 versos).

Clitemnestra: 668–673, 691–699, 707–718, 885, 887–881, 893, 896–898, 908, 910, 912, 914, 916, 918, 920, 922, 924, 926, 928–929 (= 49 versos).

Cilissa: 734–765, 767, 769, 774, 776, 778, 781–782 (= 38 versos).

Coreutas: 106–107, 109, 111, 113, 115, 117, 119, 121, 123, 167, 169, 171, 173, 175, 177, 179, 181–182, 264–268, 458–460, 463, 510–513, 523–525, 527, 529, 531, 533, 535–539, 551–553, 766, 768, 770–773, 775, 777, 779, 931–934, 1044–1047, 1051–1052, 1055–1056, 1059–1060, 1063–1064 (= 70 versos).

⁷ McClure (1999, pp. 71 e 72) define Atenas como andrógina por certa ambiguidade sua; Rosenmeyer (1982, p. 219) compara Atenas com os oradores forenses e judiciários da Atenas contemporânea.

⁸ São versos líricos *Ag.* 104–257, 355–488, 681–781, 975–1034, 1072–1177, 1407–1411, 1426–1430, 1462–1467, 1475–1480, 1497–1504, 1521–1559, 1567–1576; *Coe.* 22–83, 152–163, 315–478, 585–652, 783–837, 935–971, 1065–1076; *Eum.* 143–178, 254–275, 321–396, 490–565, 778–880, 916–1020, 1032–1047, então 623 no *Agamêmnon*, 430 nas *Coéforas* e 434 nas *Eumênides*, números variáveis conforme a colometria.

Eumênides

Profetisa: 1-63 (= 63 versos).

Espectro de Clitemnestra: 94-116, 118-119, 121-122, 124-125, 127-128, 131-139 (= 40 versos).

Atenas: 397-414, 418, 420, 422, 424, 426, 428, 430, 432, 434, 436-442, 470-489, 566-573, 582-584, 674-675, 678, 681-710, 734-743, 752-753, 793-807, 824-836, 848-869, 881-891, 893, 895, 897, 899, 901, 903-915, 1021-1031 (= 199 versos).

Coreutas: 130, 140-142, 198-200, 202, 204, 206, 208, 210, 212, 225, 227, 229-231, 244-253, 299-306, 415-417, 419, 421, 423, 425, 427, 529, 431, 433, 435, 574-575, 585-587, 589, 591, 593, 595, 597, 599, 601, 603, 605, 607-608, 622-624, 640-643, 652-656, 679-680, 711-712, 715-716, 719-720, 723-724, 727-728, 731-733, 747, 892, 894, 896, 898, 900, 902 (= 105 versos).

Para as intervenções femininas temos aproximadamente 21% no *Agamêmnon*, 357 versos sobre um total de 1673, aproximadamente 24% nas *Coéforas*, 266 sobre 1076, aproximadamente 38% nas *Eumênides*, 407 sobre 1047. Deve-se ter em conta o crescimento progressivo deste percentual. Particularmente com relação aos personagens, Clitemnestra é, sem dúvida, aquele que Ésquilo melhor representou, com 348 versos, mas Atenas também pronuncia 199 versos; Electra 109 e Cassandra 108; além disso, a profetisa pronuncia uma deixa de sessenta e três versos e Cilissa intervém em trinta e oito versos.

Estes são os personagens masculinos e seus versos correspondentes: em *Agamêmnon*, o vigia (39)⁹, corifeu e coreutas (150)¹⁰, o arauto (92)¹¹, Agamêmnon (84)¹², Egisto (64)¹³, então, 365 versos para os homens e 357 para as mulheres¹⁴, verdadeira paridade. Nas *Coéforas* temos Orestes (293)¹⁵,

⁹ *Ag.* 1-39.

¹⁰ *Ag.* 258-263, 268, 270, 272, 274, 276, 278, 280, 317-319, 351-354, 489-502, 538, 540, 542, 544, 546, 548, 550, 583-586, 615-619, 622-663, 626-627, 630-631, 634-635, 1047-1049, 1053-1054, 1062-1063, 1069-1071, 1198-1201, 1203, 1205, 1207, 1209, 1211, 1213, 1242-1245, 1247, 1249, 1251, 1253, 1255, 1295-1299, 1300, 1302, 1304, 1306, 1308, 1310, 1312, 1321, 1344, 1346-1371, 1399-1400, 1612-1616, 1625-1627, 1633-1634, 1643-1648, 1651-1653, 1665, 1667, 1669, 1671.

¹¹ *Ag.* 503-537, 539, 541, 543, 545, 547, 549, 551-552, 628-629, 632-633, e 636-680.

¹² *Ag.* 810-854, 914-930, 932, 934, 936, 938, 940, 942, 944-957, 1343 e 1345.

¹³ *Ag.* 1577-1611, 1617-1624, 1628-1632, 1636-1642, 1649-1650, 1652, 1662-1664, 1666, 1668 e 1670.

¹⁴ Que nos seja permitido utilizar este termo.

¹⁵ *Coe.* 1-21, 212-213, 215, 217, 219, 221, 223, 225-234, 246-263, 269-305, 456, 461, 479-480, 483-485, 489, 491, 493, 495, 497-499, 503-509, 514-522, 526, 528, 530, 532, 534, 540-550, 554-585, 653-656, 658-667, 674-690, 700-706, 892, 894, 899, 903-907, 909, 911, 913, 915, 917, 919, 921, 923, 925, 927, 930, 973-1006, 1010-1017, 1021-1043, 1046-1050, 1053-1054, 1057-1058, 1061-1062.

o servo (12)¹⁶, Pilades quase uma *persona muta* (3)¹⁷, Egisto (14)¹⁸. Nas *Eumênides*, Apolo (152)¹⁹, Orestes (113)²⁰. No total, 322 versos dos homens nas *Coéforas* contra 266 das mulheres, mas 265 nas *Eumênides* contra 407 das mulheres.

Traços linguísticos caracterizantes do socioleto feminino. A crase.

O primeiro traço a ser analisado é o da crase, indício de um tempo de pronúncia viva, apto tanto a uma conversação muito ágil, quanto a qualquer apressado. Os dados para as mulheres são estes:

Ag. 340, 609, 1424 (Clitem.), 1229, 1261, 1271 (Cas.).

Coe. 93, 116, 122, 129, 135, 183, 210, 481, 486 (El.), 111, 115, 177, 531, 552, 779 (coro), 714, 717 (Clitem.).

Eum. 31, 46, 60 (prof.), 121 (Clitem.), 141, 204, 244, 435 (coro), 409, 434, 741, 753, 826, 834, 850, 853, 881, 888, 905, 913, 1025 (At.).

O emprego da crase na língua usada por Clitemnestra é muito notável pela sua baixa frequência, seis exemplos nos 348 versos do conjunto da trilogia, isto é, um caso a cada 58 versos; apenas nas *Coéforas* os dois exemplos nos quarenta versos oferecem uma frequência de certa paridade com os outros personagens femininos. Assim, na língua de Atenas são enumerados treze exemplos, um caso a cada 15,3 versos. De *Electra* temos nove exemplos, um a cada doze versos; de *Cassandra* três, um a cada trinta e cinco versos; da profetisa também três, um a cada vinte e um versos; nenhum exemplo de *Cilissa*. As coreutas apresentam um caso de crase a cada doze versos para as *Coéforas*, a cada vinte e seis para as *Eumênides*.

Para os homens, os dados são estes:

Ag. 268, 318, 622, 1336, 1353, 1360, 1367 (coro), 537, 553, 560, 680 (arauto), 822, 831, 918 (Agamêmnon), 1592, 1598, 1604, 1608, 1628, 1650, 1652, 1663 (Egisto).

Coe. 14, 221, 223, 227, 252, 272, 295, 298 (*bis*), 526, 541, 557, 572, 579, 667, 894, 927 (Orestes).

Eum. 71, 81, 233, 625, 634, 667, 713, 726 (Apolo), 446, 462, 768 (Orestes).

¹⁶ *Coe.* 657, 875-884, 886.

¹⁷ *Coe.* 900-902.

¹⁸ *Coe.* 838-847, 851-854.

¹⁹ *Eum.* 62-84, 88-93, 179-197, 201, 203, 205, 207, 209, 211, 213-224, 226, 228, 232-234, 576-581, 614-621, 625-639, 644-651, 657-673, 676-677, 713-714, 717-718, 721-722, 725-726, 729-730, 748-751.

²⁰ *Eum.* 85-87, 235-243, 276-298, 443-469, 588, 590, 592, 594, 596, 598, 600, 602, 604, 606, 609-613, 744, 746, 754-777.

No *Agamêmnon*, a frequência da crase é zero com relação ao vigia, a cada vinte e dois versos para o coro e para o arauto, a cada vinte e oito versos para Agamêmnon; Egisto, por sua vez, oferece oito exemplos, isto é, um a cada oito versos, então, é a frequência mais alta, aquela que nos indica uma coloquialidade mais alta. Vejam que Egisto e Clitemnestra são caracterizados por frequências absolutamente opostas: ele nos mostra um abundante emprego da crase, enquanto que a rainha restringe o seu uso. Uma leitura simples destes dados indicaria que na *Oresteia* a crase é muito mais frequente nos falantes masculinos, mas, ao contrário, evitada pelas mulheres. Infelizmente, os outros personagens apresentam um tratamento diverso da crase: os homens oscilam entre a frequência zero do vigia e os vinte e oito versos de Agamêmnon; as mulheres oscilam entre a frequência zero de Cilissa e as frequências a cada doze versos de Electra, a cada doze do coro das *Coéforas*, a cada quinze de Atenas, a cada vinte e um da profetisa, a cada vinte e seis do coro das *Eumênides* e a cada trinta e cinco de Cassandra. No conjunto, diríamos que não parece haver uma grande diferença, e talvez devêssemos procurá-la na mais alta regularidade dos homens, face a certa irregularidade no uso atestado pelas mulheres. Continuando no exemplo de *Agamêmnon*, ainda que o vigia nunca use a crase, os catorze casos de personagens masculinos dobram a frequência dos seis casos dos personagens femininos. Por conseguinte, apenas para esta primeira tragédia poderíamos concluir que a preferência pela crase é um traço do socioleto masculino. Nas *Coéforas* e nas *Eumênides*, a frequência da crase em intervenções dos homens não diminui. Todavia, vemos um crescimento nas crases pronunciadas pelas mulheres: aos seis casos do *Agamêmnon* seguem onze nas *Coéforas* e dezesseis nas *Eumênides*. As frequências da crase nos personagens masculinos é de uma a cada dezoito nas *Coéforas*, a cada 23,5 versos nas *Eumênides*; mas, é preciso observar a diferença entre o personagem de Apolo, que pronuncia uma crase a cada 19 versos, aproximadamente como Orestes nas *Coéforas*, e o personagem de Orestes das *Eumênides*, que pronuncia apenas três delas, uma a cada trinta e nove versos. Então, parece que Ésquilo decidiu aumentar o emprego da crase na língua das mulheres, de modo que a vantagem dos personagens masculinos é equilibrada e até superada. Se ainda voltarmos nosso interesse para os percentuais deste fenômeno no socioleto feminino de cada tragédia, veremos que, enquanto no *Agamêmnon* é de um caso de crase a cada 70 versos – seis exemplos em 421 versos –, tanto nas *Coéforas* – onze exemplos em 266 versos – quanto nas *Eumênides* – dezessete exemplos em 407 versos –, a frequência aumenta em um caso a cada 24 versos; então, há um tratamento particular da crase que sugere uma evolução na perspectiva do autor, e uma franca oposição entre os tratamentos dos personagens femininos face aos masculinos.

Se considerarmos como os personagens femininos divinizados, ou ao menos próximos de uma condição sobre-humana, apresentam um emprego mais reduzido da crase, enquanto sinal de uma coloquialidade que não corresponde com a exigência de solenidade em sua expressão, a única figura que se aproxima de uma língua humanizada é a da deusa Atenas. Até aqui a observação permanece no domínio das hipóteses, mas podemos verificá-la em contraste com outros traços caracterizantes.

Igualmente, Clitemnestra nos mostra a frequência mais baixa entre as mulheres, Egisto a mais alta entre os homens. Se considerarmos que a crase, por sua proximidade com a língua coloquial e pela menor adequação a um registro solene que se encontra mais próximo do socioleto feminino, a caracterização esquiliana de Clitemnestra e de Egisto nos apresenta uma mulher que fala como um homem, e um homem que fala como uma mulher. Ambas as situações são verdadeiramente atraentes para um espetáculo teatral. Neste sentido, a tragédia partilha um tipo de parodização com a comédia, sem sequer renunciar a uma expressão onde a elevação dos sentimentos combina com uma léxis também elevada e, ainda mais, cheia de dignidade.

Prodelisão

A prodelisão também é um sinal de uma pronúncia ágil, veloz. Os dados são estes: *Ag.* 662 ἔξηπήσατο (arauto), *Coe.* 196 ἰκισσυνόμην (*Electra*), 233 ἰκπλαγῆς, 503 ἔξαλείφης (*Orestes*), 691, 887, 893, 928 οἱ ἰγώ (*Clitemnestra*), *Eum.* 218 ἰστὶ (*Apolo*), 426 ἰξ ἀνάγκης, 693 ἰπικαινούτων, 830 ἰκβάλλης (*Atenas*). Para a prodelisão, no entanto, há poucos exemplos²¹, mas o emprego de Clitemnestra e de Atenas é notável. O traço é hápax em *Agamémnon*, na voz do arauto. Em suma, contamos o dobro de exemplos nas mulheres, oito contra quatro nos homens. Como acontece na crase, as diferenças nos usos das mulheres e homens são registrados em *Coéforas* e *Euménides*.

Adjetivos afetivos

Sommerstein considerava como as mulheres usam mais adjetivos afetivos como φίλος, φίλτατος (SOMMERSTEIN, 1995, pp. 74–75). Até a moderna sociolinguística confirma esta tendência do socioleto feminino²². Na *Oresteia* há vinte exemplos totais, dez pronunciados por mulheres²³. No caso da trilogia, de catorze casos, dez são falados por mulheres²⁴. O adjetivo τάλας τάλαινα aparece na categoria destes termos, e com a partícula ὦ se redobra a expressão emotiva, uma construção que na tragédia esquiliana é registrada nove vezes – notável que seis exemplos estejam na *Oresteia*. Contudo,

²¹ Platnauer (1960, p. 140): “A prodelisão se encontra em peças de Ésquilo numa porcentagem de uma a cada 250 linhas; naquelas de Sófocles, aproximadamente uma a cada 77 linhas; em Eurípides, uma a cada 154, e em Aristófanes, uma a cada 43”.

²² Holmes (2008, p. 297): “(...) Mulheres dão uma resposta mais animadora a seus pares conversacionais do que os homens”.

²³ *Pe.* 512 (*Atossa*), 851 (*lir.*), *Se.* 16 (*Etéocles*), 149 (*lir.*), 677 (*corifeu*), *Su.* 602 (*corifeu*), *Ag.* 329, 1417 e 1654 (*Clitemnestra*), 507 (*arauto*), *Coe.* 193, 235 e 496 (*Electra*), 234 (*Orestes*) 893 (*Clitemnestra*), 1051 (*coro*), *Eum.* 100 (*Clitemnestra*), 216 (*Apolo*), 464 (*Orestes*), 608 (*coro*).

²⁴ *Ag.* 329, 1417 e 1654 (*Clitemnestra*), 507 (*arauto*), isto é, três de quatro exemplos; *Coe.* 193, 235 e 496 (*Electra*), 234 (*Orestes*), 893 (*Clitemnestra*), 1051 (*coro*), isto é, cinco de seis exemplos; *Eum.* 100 (*Clitemnestra*), 216 (*Apolo*), 464 (*Orestes*), 608 (*coro*), isto é, dois de quatro exemplos.

na distribuição, as mulheres pronunciam cinco dos nove exemplos²⁵. Mas, neste caso, estamos diante de uma convenção não mais mantida. Depois da expressão se limitará ao socioleto feminino, conforme a informação de um escólio que coincide com o uso na comédia aristofânica²⁶.

Interrogativas diretas

Na sintaxe, o emprego das orações interrogativas diretas parece um traço próprio do socioleto feminino (KEY, 1996, pp. 132-133). No *corpus* temos uma distribuição irregular entre as mulheres, isto é *Ag.* (3), *Coe.* (35), *Eum.* (27):

Ag. 273, 935 (Clitem.), 1285 (Cas.), *Coe.* 87, 88, 89, 110, 114, 118, 120, 163, 174, 187, 214, 216, 218, 220, 222, 224, 496 (El.), 164, 169, 171, 174, 177, 179, 766, 1051 (coro), 732, 885 (*bis*), 916 (Clitem.), 754, 767, 774, 776, 778 (*bis*) (Cil.); *Eum.* 94, 133 (espectro de Clitemnestra)²⁷, 206, 303, 427, 593, 595, 601, 603, 607, 622, 745, 892, 894, 896, 898, 902 (coro), 408, 422, 424, 426, 434, 436, 674, 678 (*bis*), 826 (At.).

Com relação aos homens a distribuição é mais regular, *Ag.* (27), *Coe.* (38), *Eum.* (22):

Ag. 268, 272, 274, 276, 278, 280, 626, 630, 634, 1203, 1207, 1209, 1211, 1251, 1297, 1306 (*bis*), 1308, 1310, 1344 (coro), 543, 545, 547, 549, 553, 556, 567, 572, 648, 672 (arauto), 942 (Agamêmnon); *Coe.* 10, 12, 13, 255, 287, 526, 528, 530, 532, 569, 654, 702, 894, 899 (*bis*), 909, 925, 994, 997, 998, 1010 (Orestes), 656 (*bis*), 880, 883 (*bis*) (servo), 844, 845, 847 (Egisto), 900 (Pílades); *Eum.* 209, 211, 717, 725 (Apolo), 604, 606, 744 (Orestes).

No *Agamêmnon* há uma grande diferença entre homens (31) e mulheres (3). No entanto, nas tragédias sucessivas as proporções são quase equilibradas: nas *Coéforas* (35 das mulheres contra 38 dos homens), nas *Eumênides* ocorre uma pequena vantagem para as mulheres (27 exemplos contra 22 dos homens). Os dados sugerem que o aumento da voz feminina é paralelo àquele das interrogações diretas. Parece mais própria do socioleto feminino aquela que se faz através do simples pronome interrogativo²⁸.

²⁵ *Pe.* 445 e 517 (Atossa), *Se.* 262 (Etéocles), *Ag.* 1070, 1247 e 1295 (coro), 1107 e 1136 (Cass.), *Coe.* 743 (Cilissa). Apenas uma passagem lírica: *Ag.* 1136.

²⁶ Schol. Pl. *Apol.* 25c: *Apol.* 25c: ὃ οὗτος, ὃ τάλαν, καὶ ὃ μέλε. ταῦτα παρὰ τοῖς νεωτέροις ὑπὸ μόνων λέγεται γυναικῶν, παρὰ δὲ τοῖς παλαιοῖς δὲ καὶ ὑπ' ἀνδρῶν. Veja-se Bain (1984, p. 33); Duhoix (2004, p. 136).

²⁷ Como no caso das deusas e das Erínias, o espectro de Clitemnestra é inicialmente atribuído à classe de personagens femininos, há ainda argumentos para fazer uma categorização diferente, conforme a especificidade dos entes sobre-humanos.

²⁸ Corretamente Thomson (1939) interpreta como um coloquialismo a posposição da oração interrogativa. Infelizmente, a questão merece uma atenção específica, que leva em consideração a diminuição do traço, de modo que dos 326 exemplos de Ésquilo se passa aos 258 de Sófocles e aos 146 de Eurípedes. Devemos considerar também a mais alta frequência no *Cíclope* e nas tragédias tardias *Íon* e *Ifigênia em Áulis*.

Subordinação

Em *Agamêmnon*, Clitemnestra apresenta trinta e cinco exemplos de orações subordinadas – notável o predomínio das condicionais –, um a cada sete versos²⁹, Cassandra apenas seis, um a cada dezoito versos³⁰. Nas *Coéforas*, Electra apresenta onze exemplos, um a cada dez versos³¹, Clitemnestra seis exemplos, um a cada oito versos³², e Cilissa seis, um a cada seis versos³³. Nas *Eumênides*, a profetisa apresenta oito exemplos, um a cada oito versos³⁴, o espectro de Clitemnestra quatro, um a cada dez versos³⁵, Atenas doze, um a cada 16,5 versos³⁶.

Vejamos, agora, as orações subordinadas atestadas pelo coro nas *Coéforas* e nas *Eumênides*. Para as *Coéforas* se enumeram os versos 115 (concessiva), 182, 768, 775 (condicionais), 202 (consecutiva), 266, 771 (finais), 512, 932 (temporais-causais). Os nove exemplos apresentam uma oração subordinada a aproximadamente cada oito versos. Nas *Eumênides*, os exemplos comparecem nos versos 202, 300 (consecutivas), 587 (subjativa), 591 (subjativa-modal), 597 (condicional), 622 (modal), 731 (temporal-causal). Dos sete exemplos ocorre como frequência uma oração subordinada a cada quinze versos. Somando tudo, os exemplos de orações subordinadas pronunciadas por mulheres no *Agamêmnon* são quarenta e um, nas *Coéforas* trinta e dois, nas *Eumênides* trinta e um.

As orações subordinadas do *Agamêmnon* usadas por homens são estas:

Relativas: 2 (vigia), 501, 1400, 1634 (coro), 526 (arauto)³⁷, 841, 853 (*Agamêmnon*).

Subjetivas: 496, 618, 1345, 1358 (coro), 630 (arauto).

Temporais: 7, 12, 17 (vigia), 638, 658 (arauto), 822, 854 (*Agamêmnon*).

Causais: 956 (*Agamêmnon*), 1360, 1669 (coro).

Modais: 30 (vigia), 319 (coro).

Condicionais: 29, 37 (vigia), 261, 1049, 1249 (coro), 520, 563, 671, 676 (arauto), 930, 944 (*Agamêmnon*).

Consecutivas: 632, 665 (arauto).

Finais: 1648 (coro).

²⁹ *Ag.* 265, 488, 1067, 1435, 1658 (temporais), 286, 1381 (*bis*), 1395 (consecutivas), 333, 869, 879 (modais), 341, 883, 1658 (subjativas), 345, 866, 869, 1042, 1050, 1059, 1060, 1394, 1395, 1424 (condicionais), 607, 860, 1047, 1065, 1379, 1415, 1433 (relativas), 884, 1058 (causais), 1036 (temporal-causal).

³⁰ *Ag.* 1181, 1188 (consecutivas), 1223 (relativas), 1240, 1328 (condicionais), 1286 (causais).

³¹ *Coe.* 85 (temporal-causal), 93 (modal), 96, 108 (subjativas-modais), 105, 203 (condicionais), 127, 172 (relativas), 131, 192, 196 (finais).

³² *Coe.* 669, 673, 698 (relativas), 888 (subjativa-modal), 890 (*bis*) (subjativa).

³³ *Coe.* 735, 767 (finais), 741, 750, 897 (relativas), 743 (temporal).

³⁴ *Eum.* 4 (subjativa-modal), 22 (relativa), 25 (temporal), 32, 33 (modais), 36 (*bis*) (consecutivas), 58 (subjativa).

³⁵ *Eum.* 96, 98, 114 (subjativas), 125 (temporal).

³⁶ *Eum.* 573, 882, 1030 (finais), 689, 702, 736, 743, 828, 857, 865, 899, 1024 (relativas).

³⁷ Exemplo significativo pelo arcaísmo do uso relativo do tema do demonstrativo *το-.

São trinta e oito exemplos: pronunciados pelo vigia (7), o coro (14), o arauto (10) e Agamêmnon (7). As suas frequências correspondentes são de um caso a cada 5,5 versos para o vigia, aproximadamente a cada dez versos para o coro, a cada 9,2 para o arauto e a cada doze para Agamêmnon.

Nas *Coéforas* os casos são:

Relativas: 215, 491, 558, 582, 659, 930 (Orestes).

Subjetivas: 852, 853 (Egisto), 988, 1011, 1021 (Orestes).

Condicionais: 223, 273, 305, 499, 522, 543, 570, 571 (*bis*), 656, 1001 (Orestes).

Modais: 548, 550, 976, 990, 993, 1022 (Orestes).

Finais: 556, 580 (Orestes).

Consecutivas: 567, 847 (Orestes), 880 (servo).

Concessivas: 298, 542, 998 (Orestes).

Temporais: 575, 992, 1026 (Orestes).

Temporais-causais: 566, 906 (Orestes).

Causais: 660 (Orestes).

São quarenta e dois exemplos, pronunciados por Orestes (39), Egisto (2), e o servo (1); em Orestes se encontra um caso a cada 7,5 versos; em Egisto, a cada sete; para o servo a cada doze.

Os exemplos de oração subordinada dos homens das *Eumênides* são assim distribuídos:

Relativas: 69, 186, 216, 285, 457, 461, 618, 639, 661 (Apolo).

Subjetivas: 454 610 (Orestes), 657, 677 (Apolo).

Condicionais: 234 (Apolo), 292, 295, 467 (Orestes).

Modais: 581, 667 (Apolo), 611 (Orestes).

Finais: 278, 573, 613, 629, 638, 771 (Orestes), 670, 671 (Apolo).

Consecutivas: 83, 228 (Apolo).

Temporais-causais: 71 (Apolo), 86 (Orestes).

São trinta e dois exemplos de orações subordinadas, pronunciadas por Apolo (19), isto é, um a cada oito versos, e por Orestes (13), um a cada nove versos aproximadamente. Assim, não devemos estabelecer uma diferença entre os dois personagens.

No conjunto da trilogia, as mulheres adotam uma pauta linguística, que acena a um emprego mais frequente da subordinação: as suas frequências relativas são de um uso a cada seis versos de Cilissa, a cada 7,5 de Clitemnestra – média das três tragédias em que aparece –, a cada oito da profetisa, a cada dez de Electra. Apenas a deusa Atenas, com um uso a cada 10,5 versos, e em especial Cassandra, com um uso a cada dezoito versos, se distanciam de seus congêneres. Em Atenas, o desvio não parece muito significativo, mas para a príama parece evidente que Ésquilo tenha desejado caracterizá-la sem um grande aparato linguístico e retórico (para Cassandra no *Agamêmnon*, veja-se ROISMAN, 2004, pp. 102-105). Em todo caso, a importância de uma condição próxima da divindade no personagem de Cassandra, não obstante a humanização de Atenas, encontra uma confirmação nas corifeus³⁸: para aquela das *Coéforas*, a média de uma oração subordinada a cada oito versos segue o modelo das outras mulheres, mas a corifeu das *Eumênides*, isto é, a Erínia que intervém nos diálogos, mostra um evidente desvio, com uma oração subordinada a cada quinze versos.

O caso dos homens mostra um uso relativamente mais baixo da subordinação, com frequências a cada 9,2 versos para o arauto, dez para o coro de *Agamêmnon*, e doze para Agamêmnon, Apolo e também o servo. Mas, os personagens de Orestes e Egisto se aproximam dos registros das mulheres: Orestes usa uma oração subordinada a cada 7,5 versos; Egisto a cada sete.

Coloquialismos

Os coloquialismos, decerto, podem caracterizar o socioleto feminino. Coloquialismos exclusivos das mulheres na *Oresteia* são as frases braquilógicas *Ag.* 273 τί δ' οὐχί; (Clitemnestra), *Coe.* 123 πῶς δ' οὐ; (a corifeu). Veja-se também a solução sintática da substituição da oração subjetiva como regime de λέγω por um infinitivo, como faz Clitemnestra em *Ag.* 1421 λέγω δέ σοι / τοιαῦτ' ἀπειλεῖν etc. (COLLARD, 2005, p. 370). Devemos ainda notar as frases *Coe.* 116 εὖ τοῦτο (Electra), e *Coe.* 1044 ἀλλ' εὖ γ' (a corifeu) (STEVENS, 1976, p. 8).

O uso da dupla partícula καὶ μὴν também deve ser acrescido aos coloquialismos, pelo fato de que constitui uma solução para exprimir oposição à argumentação do interlocutor, frequentemente atestada na comédia e no diálogo platônico³⁹. Em Ésquilo, o emprego é de particular clareza: nos primeiros dramas notamo-lo nas seções corais, talvez porque o autor considerasse um pouco audacioso a sua aparição na recitação⁴⁰. Mas podemos hipotizar que ele reconhecia um uso socioletal

³⁸ Adotaremos a menção 'a corifeu' para designar a mulher chefe do coro, em oposição ao corifeu homem (N. T.).

³⁹ van Erp Taalman Kip (2009, p. 124), conforme Denniston (1954, p. 355), salienta que cada caso trágico de καὶ μὴν, em que o locutor mostra a sua recusa de palavras de um interlocutor hostil, é a passagem de Agamêmnon e S. OT 345 (aqui Édipo fala). O coloquialismo é bem formulado por Denniston (1954, *ibid.*): "Este uso é comum em Aristófanes e Platão, e quase que reduzido a eles".

⁴⁰ Seções líricas: *Pe.* 266, 992, *Se.* 372, *Su.* 311; recitação: *Pe.* 406, *Se.* 245, 457.

concreto, porque nas *Supplices* – que não se encontra cronologicamente longe da *Oresteia* – καὶ μὴν é pronunciado pelo coro das Danaides. Reconhecemos este perfil sociolinguístico na trilogia, onde todos os casos são pronunciados pelas mulheres, com uma única exceção – não casual, em nossa opinião – numa intervenção de Egisto⁴¹.

Para as interjeições, pensemos em *Ag.* 503, 508 ἰώ (ar.), 1214 ἰού ἰού, 1257 ὀτοτοῖ, οἶ, 1305 ἰώ, 1307 φεῦ φεῦ, 1315 ἰώ (Cas.), 1343 ὤμοι (*Ag.*), 1650 εἶα (*Eg.*), 1651 εἶα (coro), *Eum.* 94 ὦή (*Clitem.*), a última um hápax esquiliano⁴². O caso é semelhante àquele dos adjetivos afetivos⁴³.

Sem dúvida, são igualmente coloquiais as repetições lexicais, como aquela de Cassandra em *Ag.* 1257 οἶ ἐγὼ ἐγώ⁴⁴. Bastante diferente é a inovação da repetição da partícula *abundans*, hápax em *Clitemnestra*, *Ag.* 340, οὐ τὰν ἐλόντες αὐθις ἀνθαλοῖεν ἄν.

Vejam os outros traços coloquiais usados tanto pelas mulheres quanto pelos homens. Um intensificador como κάρτα, considerado conversacional por Thesleff (1954, p. 91), aparece com frequência nas tragédias esquilianas, com cerca de trinta testemunhos⁴⁵. Nós o encontramos na *Oresteia* em vinte passagens da recitação, entre os quais sete pronunciados por homens⁴⁶. Ainda consideramos coloquialismo o acusativo adverbial μακράν⁴⁷, que Ésquilo usou algumas vezes, mesmo que três de quatro passagens sejam ditas por personagens masculinos⁴⁸. Vemos também o acúmulo de dois coloquialismos numa passagem de Cassandra, *Ag.* 1252 ἦ κάρτα μακρὰν παρεκόπτης χρησιμῶν ἐμῶν.

Traços de cortesia que exprimem inferioridade

Observamos como os escravos de Menandro substituíam o imperativo por fórmulas menos categóricas: o optativo potencial; o futuro; frases que exprimem convite ou sugestão, mas não ordem;

⁴¹ *Ag.* 931, 1178, 1254 (Cas.), 1652 (*Eg.*), *Coe.* 174, 205 (El.), 510 (coro), *Eum.* 711 (coro).

⁴² Redondo (2016a, p. 42): “(...) O único exemplo do emprego de ὦή por parte de uma mulher se deve à atitude agressiva de Creusa em *Ion* (...). O surpreendente emprego da interjeição masculiniza o discurso de Creusa, como mostra de que, a partir de então, vai se dirigir ao deus com a energia própria de um varão”. Também Francobandiera (2012, s. p.) salienta um “modo claramente mal polido, denunciando, assim, de maneira explícita, o escárnio de *Clitemnestra*”.

⁴³ Metodologicamente, a associação do socioleto feminino à expressão da emoção, quer no plano da língua – adjetivos, interjeições, vocativos, juramentos – quer no plano da literatura – lamentos, sobretudo fúnebres, motivos obscenos – nos parece perigosa e desviante, enquanto corremos o risco de reduzir a língua feminina a um horizonte muito restrito.

⁴⁴ Diferente é a repetição de *Ag.* 973, imitação da língua da magia, cf. McClure (1999, pp. 90–91).

⁴⁵ *Pe.* 372 (mensageiro), 519 (Xerxes), *Se.* 413, 415, 658, 689 (Étéocles), 886, 940 (lír.), *Su.* 201 (Dânao), 288, 450, 452 (Pelago), *Ag.* 277 (*Clitemnestra*), 801 (lír.), 840, 936 (Agamêmnon), 1206, 1252 (Cassandra), *Coe.* 174, 176 (Electra), 263 (Orestes), 929 (*Clitemnestra*), *Eum.* 15 (profetisa), 90, 213, 222, 646 (Apolo), 738, 848 (Atenas). O traço se torna comum na língua das primeiras tragédias euripídicas, cf. *E. Med.* 222, 328, 1376 (Medeia), *Hip.* 90, 1041 (Hipólito), 412 (Fedra), 462, 472, 700 (ama), distribuição que também deve ser notada. *E. Med.* 1376 poderia compendiar o que o tragediógrafo entendia como socioleto feminino: πῶς δ’ οὔν; τί δράσω; κάρτα γὰρ κὰγὼ θέλω.

⁴⁶ *Ag.* 840, 936 (Agamêmnon), *Coe.* 263 (Orestes), *Eum.* 90, 213, 222, 646 (Apolo); *Ag.* 277 (*Clitemnestra*), 1206, 1252 (Cassandra), *Coe.* 174, 176 (Electra), 929 (*Clitemnestra*), *Eum.* 15 (profetisa), 738, 848 (Atenas).

⁴⁷ *S. Ai.* 1040, cf. Fraenkel (1977, p. 32), Collard (2005, p. 372).

⁴⁸ *Se.* 713 (Étéocles), *Ag.* 916 (Agamêmnon), 1252 (Cassandra) e 1296 (corifeu). Retoma o mesmo o Pseudo-Ésquilo, *Ps.-A. PV* 312, 857.

a tonalidade⁴⁹. A mesma observação foi formulada pelos contemporâneos socioletos femininos⁵⁰. De fato, estas mulheres em cena usam fórmulas muito corteses: nas *Coéforas*, λέγοις ἄν diz duas vezes Electra e repete ainda a corifeu, que depois diz ἔρδοις ἄν; λέγοιτ' ἄν diz também Clitemnestra (*Coe.* 105, 108, 167, 513, 668); nas *Euménides*, εὔδοιτ' ἄν diz o espectro de Clitemnestra (94).

Inovações

Ainda que muitas inovações possam ser encontradas em registros coloquiais, há outras que não se limitam a estes usos. Vejamos o exemplo da raiz *λεγ- nos temas de futuro e aoristo, onde a língua tinha usado as raízes *φερ- e *φεκ^w-. Na primeira tragédia conservada na transmissão esquiliana, *Os persas*, encontramos o futuro λέξω, *Pe.* 180 (Atossa), o aoristo ἔλεξα nos versos 356, 372 (mensageiro) e 793 (corifeu), o imperativo λέξαι nos versos 295, 439 (Atossa) e 705 (Dario), e o infinitivo de aoristo λέξαι no verso 292 (Atossa). Então, quatro exemplos aparecem em vozes masculinas e quatro em vozes femininas, proporção que também deve ser confrontada com seus respectivos percentuais. Nos *Sete contra Tebas*, a inovação se torna hápax, *Se.* 458 λέξω (mensageiro). Nas *Suplicantes*, nós a encontramos nas intervenções do rei Pelasgo (*Su.* 310 λέξω, 460 λέξον, 473 ἔλεξα).

No *Agamémnon*, o personagem de Clitemnestra pronuncia o infinitivo λέξαι (857), o futuro λέξω (859) e o particípio λέξασα (1229). Nas *Coéforas*, é a corifeu quem pronuncia o futuro λέξω (107). Nas *Euménides*, a inovação se afirma e utilizam-na a profetisa (34 λέξαι), Clitemnestra (114 ἔλεξα), Orestes (447 λέξω), o coro (585 λέξομεν), Apolo (614, 657 λέξω) e Atenas (437 λέξας)⁵¹. No conjunto, as mulheres pronunciam sete exemplos, os homens cinco. Parece que a inovação seria mais frequente no socioleto feminino.

Outra inovação na morfologia verbal aparece em uma intervenção da corifeu, *Eum.* 142, em que o imperativo ἀνίστω apresenta a variante da língua falada, ao contrário do original ἀνίστασο. Na comédia aristofânica as duas se encontram uma ao lado da outra⁵², exatamente como o patriarca Fócio destacava a inovação na língua do cômico Amipsia: ἀνίστω· ἀντὶ τοῦ ἀνίστασο⁵³.

Contaremos entre as inovações o valor conectivo de ἐπεί, que se torna partícula assertiva, ao invés de conjunção subordinativa em uma intervenção de Electra, *Coe.* 214.

⁴⁹ ZILLIACUS, 1892, pp. 227-229.

⁵⁰ Key (1996, p. 76): “Num mundo em que as mulheres comumente não atuam em papéis de tomada de decisão e de comandos de ordem, não é surpreendente que as mulheres usem alternativas em construção imperativa, que não é simples, como forma direta de ordenar uma ação”.

⁵¹ *Pe.* 695 λέξαι, 702, *Su.* 625 λέξομεν, *Eum.* 434 ἔλεξας, 310 λέξαι são passagens líricas.

⁵² A inovação era imposta na fala, cf. *Ar. Ve.* 286 ἀνίστασο, *Av.* 617 ἐξίστω, *Ec.* 737 ἴστω, *Pl.* 539 ἐπανίστω, Redondo (2015b, pp. 192-193).

⁵³ Amipsia frg. 32 K.-A., cf. Phot. *Lex.*, A 2009.

Devemos ainda enumerar o uso de ἀλλά em posição inicial, não para fazer uma construção coordenada adversativa, mas para continuar certo diálogo de uma perspectiva de confronto (DENNISTON, 1954, pp. 7, 20–21). O valor adversativo permanece tão fraco pela função mais conectiva de ἀλλά, que é, por vezes, reforçada por uma segunda partícula. Veremos como exemplo *Ag.* 1649 ἀλλ' ἐπεὶ δοκεῖς τὰδ' ἔρδειν καὶ λέγειν, γνώσῃ τάχα. Os casos da *Oresteia* são seis: *Ag.* 1649, 1652, 1666 (Egisto), 1655 (Clitemnestra), *Eum.* 597 (*bis*) (coro). Notemos que a distribuição se assemelha em três casos pronunciados por mulheres com aqueles três pronunciados por Egisto, no mesmo compasso em que Clitemnestra também usa a construção. Há duas possibilidades interpretativas: poderemos, decerto, considerar que a inovação se divide entre falantes de dois gêneros; mas, poderemos também citar o fato de que o único homem falando como as mulheres é precisamente Egisto, assinalado por seu crime como afeminado e não como homem viril, acende dúvidas sobre a questão.

A distribuição dos pronomes ὄδε e οὗτος nos fornece para exame um novo fenômeno sintático. Historicamente, ὄδε estava perto de permanecer ligado aos registros literários, enquanto que οὗτος aos poucos o substituía no uso oral e no sistema dos demonstrativos. Eurípides reflete esta substituição progressiva (REDONDO, 2016a, p. 230). Ainda é preciso ver o uso em *Ésquilo*. No *Agamêmnon* encontramos 111 exemplos de ὄδε, 56 (mulheres) contra 55 (homens)⁵⁴. Nas *Coéforas* temos 109 exemplos, 59 (mulheres) e 50 (homens)⁵⁵. Nas *Eumênides*, 88 exemplos, 53 (mulheres) e 35 (homens)⁵⁶. Para οὗτος no *Agamêmnon* encontramos 29 exemplos, 10 (mulheres) e 19 (homens)⁵⁷; nas

⁵⁴ Mulheres: *Ag.* 279, 310, 311, 320, 855, 867, 877, 879, 896, 906, 931, 933, 935, 961, 965, 1039, 1042, 1055, 1058, 1059, 1060, 1182, 1186, 1197, 1202, 1204, 1212, 1217, 1223, 1239, 1248, 1264, 1271, 1282, 1283, 1291, 1294, 1301, 1317, 1377, 1380, 1393, 1396, 1405, 1406, 1414, 1419, 1431, 1433, 1438, 1440, 1655, 1658, 1659, 1672, 1673. Homens: *Ag.* 1, 17, 18, 33, 35, 272, 280, 318, 492, 499, 501, 504, 506, 523, 540, 542, 543, 545, 575, 582, 619, 623, 645, 829, 917, 934, 946, 950, 956, 1054, 1056, 1070, 1071, 1310, 1363, 1368, 1581, 1583, 1590, 1603, 1608, 1613, 1614, 1615, 1623, 1627, 1634, 1635, 1638, 1643, 1648, 1649, 1650, 1665, 1670. Seções líricas: *Ag.* 40, 46, 57, 99, 126, 154, 180, 205, 211, 256, 363, 409, 428, 448, 493, 495, 832, 975, 1088, 1089, 1096, 1101, 1102, 1107, 1110, 1119, 1131, 1162, 1173, 1334, 1338, 1342, 1409, 1441, 1446, 1463, 1477, 1481, 1488, 1492, 1494, 1497, 1501, 1506, 1515, 1518, 1525, 1542, 1560, 1567, 1570, 1572 (52 casos).

⁵⁵ Mulheres: *Coe.* 85, 87, 91, 92, 94, 97, 100, 105, 112, 114, 128, 129, 142, 146, 149, 166, 168, 170, 174, 177, 181, 182, 187, 188, 192, 193, 197, 200, 266, 488, 500, 501, 525, 538, 669, 672, 692, 709, 713, 715, 718, 737, 740, 745, 761, 764, 765, 891, 896, 928, 931, 965, 1039, 1042, 1055, 1056, 1058, 1060, 1065. Homens: *Coe.* 3, 4, 8, 10, 14, 21, 219, 226, 246, 252, 256, 260, 270, 282, 495, 503, 509, 518, 522, 540, 547, 550, 555, 561, 568, 580, 655, 704, 841, 847, 892, 911, 927, 979, 985, 988, 1003, 1011, 1015, 1017, 1029, 1035, 1038, 1042, 1043, 1048, 1053, 1054, 1057 (49 casos). Seções líricas: *Coe.* 37, 46, 60, 154, 314, 338, 340, 371, 375, 410, 439, 458, 472, 475, 477, 638, 728, 825, 856, 873 (20 casos).

⁵⁶ Mulheres: *Eum.* 1, 3, 11, 16, 18, 46, 59, 60, 103, 122, 140, 142, 206, 231, 244, 252, 306, 405, 406, 409, 424, 436, 438, 439, 470, 480, 482, 570, 575, 589, 601, 622, 623, 652, 688, 711, 720, 732, 734, 735, 745, 752, 807, 834, 852, 854, 884, 888, 902, 915, 927, 1021, 1030. Homens: *Eum.* 67, 78, 81, 83, 91, 92, 179, 185, 195, 205, 207, 209, 215, 224, 278, 288, 298, 447, 465, 467, 577, 578, 580, 581, 594, 613, 614, 630, 639, 645, 662, 672, 761, 762, 773. Seções líricas: *Eum.* 154, 316, 325, 329, 341, 347, 360, 366, 377, 391, 469, 492, 493, 500, 545, 671, 781, 836, 837, 870, 949, 968, 979, 987, 990, 991, 1005, 1006, 1011 (20 exemplos).

⁵⁷ Mulheres: *Ag.* 602, 604, 860, 895, 1258, 1320, 1330, 1404, 1419, 1437. Homens: *Ag.* 547, 561, 567, 578, 585, 615, 673, 821, 944, 950, 954, 1251, 1304, 1308, 1370, 1583, 1611, 1617, 1628. Seções líricas: *Ag.* 97, 162, 255, 368, 1074, 1105, 1523, 1552 (8 casos).

Coéforas 22 exemplos, 13 (mulheres) e 9 (homens)⁵⁸; nas *Eumênides*, 26 exemplos, 16 (mulheres) e 10 (homens)⁵⁹. Se as mulheres intervêm mais no decurso da trilogia, por conseguinte o uso de qualquer pronome deveria aumentar do mesmo modo. Entre os correlativos registros de ὄδε, 111, 109 e 88, as mulheres pronunciam 56, 59 e 53, com percentuais de 50% (*Agamémnon*), 54% (*Coéforas*), 60% (*Eumênides*); esta variação parece similar à crescente participação das mulheres na recitação. Contudo, entre os registros de οὔτος, isto é, 29, 22 e 27 para as três tragédias, as mulheres pronunciam 10, 13 e 16 com percentuais de 34% (*Agamémnon*), 59% (*Coéforas*) e 59% (*Eumênides*). Devemos observar também a redução dos testemunhos de οὔτος nas seções líricas das *Coéforas* e das *Eumênides*, que não corresponde com a menor extensão das partes cantadas. Por conseguinte, o uso destes dois pronomes mostra como Ésquilo acentuou um traço linguístico particular na segunda e terceira tragédias.

Na sintaxe das orações relativas, notamos o valor de referência concreta de ὅστις – cujo valor original é de pronome indefinido –, inovação que aparece numa passagem de Clitemnestra, *Ag.* 1065–1067.

Arcaísmos

Entre os arcaísmos encontramos o emprego do dual, que ainda parece pouco significativo, conforme o gênero do falante. Enfim, no quinto século a.C., o dual recebe um interesse estilístico, literário, que se destaca da fala⁶⁰. Diríamos que cria o atrativo que séculos depois irá gerar o optativo. Na trilogia, há dezenove exemplos sem nenhuma distribuição muito particular, mas a frequência sugere uma tendência a associar este traço ao socioleto feminino, com doze exemplos contra os sete registros de personagens masculinos⁶¹. Mais uma vez, os homens parecem apresentar uma frequência mais alta no *Agamémnon*, um fenómeno que poderia apenas ocorrer pelo seu percentual maior; e outra vez mais, nas *Coéforas* e nas *Eumênides* se observa um predomínio do traço nas mulheres, além de um percentual crescente.

O traço da anástrofe é atestado quinze vezes, nove para as mulheres e seis para os homens; entre as mulheres, devemos notar o uso que Clitemnestra faz⁶².

⁵⁸ Mulheres: *Coe.* 93, 110, 113, 116, 122, 145, 175, 716, 758, 770, 781, 910, 933. Homens: *Coe.* 231, 541, 583, 844, 906, 907, 917, 991, 1031. Seções líricas: *Coe.* 372, 378, 380, 798.

⁵⁹ Mulheres: *Eum.* 20, 52, 58, 110, 199, 208, 442, 476, 488, 642 (*bis*), 643, 707, 743, 799, 896. Homens: *Eum.* 451, 453, 458, 588, 613, 619, 636, 638, 649, 683. Seções líricas: *Eum.* 334, 510, 930

⁶⁰ Sobre o caráter literário do dual trágico, veja-se Müller (1886, pp. 3, 4). Uma conclusão parece errada (MÜLLER, 1886, p. 36).

⁶¹ *Ag.* 651, 652 (*ar.*), 1297 (*coro*), 1384, 1443, 1673 (Clitemnestra), 1648 (*bis*) (*coro*); *Coe.* 207 (4 x) (*Electra*), 1047 (*bis*), 1055 (*coro*); *Eum.* 428 (*bis*) (*Atenas*), 600 (*bis*) (*Orestes*). Duais verbais são *Ag.* 651, 652, 1207, 1673; *Coe.* 207.

⁶² *Ag.* 541 (*ar.*), 587, 858, 861 (*Clit.*), 843 (*Ag.*), 1359, 1368 (*cor.*); *Coe.* 90, 122 (*El.*), 718 (*Clit.*), 741 (*Cil.*), 850 (*cor.*); *Eum.* 617, 630 (*Ap.*), 705 (*At.*).

Outro arcaísmo que, segundo o uso euripidiano, parece muito usado pelo socioleto feminino é a preposição ἕκαστι⁶³, mas na recitação da *Oresteia* encontramos apenas dois exemplos entre seis⁶⁴.

Aticismos

Aticismos são as formas φροίμιον e φροιμιόζομαι, com pequeníssima vantagem para a escolha das mulheres⁶⁵. De certo interesse são as formas λεώς, pouco usada pelas mulheres⁶⁶, e πλέω⁶⁷.

Jonicismos

Jonicismos são o verbo ativo σέβω, *Eum.* 22 (profetisa), 697 (Atenas) e a construção de *Coe.* 1026 ἕως (...) εἰμί (Orestes) quando, nas inscrições áticas clássicas, encontramos sempre o subjuntivo com partícula modal (MEISTERHANS & SCHWYZER, 1900, p. 251).

Poetismos

Os usos poéticos pertencem mais à língua dos homens, como os casos de duais verbais de *Ag.* 651 e 652 ἐδειξάτην, φθείροντε ditos pelo arauto – um personagem caracterizado por traços de cunhagem épica –, e de *Ag.* 1207 ἦλθέτην dito pelo coro. O uso adverbial das preposições se adapta à altura poética do coro, como atestado no caso de σύν, *Ag.* 586, 1644 (coro).

Às mulheres, então, é atribuído um uso mais prosaico da língua. Existem, contudo, algumas passagens notáveis, como quando as coreutas – escravas troianas?⁶⁸ – pronunciam a aliteração de *Coe.* 511 τίμημα τύμβου τῆς ἀνοιμώκτου τύχης, e pouco depois a anástrofe de 537 δεσποίνης χάριν.

Usos gnômicos

A escolha de uma dicção regida por γνώμη não parece próxima dos hábitos dos falantes de um extrato social elevado. Na *Oresteia*, talvez a reduzida utilidade do registro, são enumerados dois

⁶³ Redondo (2016a, pp. 60-61): “(...) Todos os registros euripidianos se dão em passagens recitadas. (...) O emprego de ἕκαστι tem, em Eurípides, o dobro da frequência em mulheres do que em homens”.

⁶⁴ *Pe.* 337 (mensageiro); *Ag.* 874 (Clitemnestra); *Coe.* 214 (*Electra*), 701, 996 (Orestes); *Eum.* 71 (Apolo), 759 (Orestes). *Coe.* 436, 437 são passagens líricas.

⁶⁵ *Ag.* 31 (vigia), 829 (Agamêmnon), 1216 (Cassandra), 1354 (corifeu); *Eum.* 2, 20 (profetisa), 142 (a corifeu).

⁶⁶ *Pe.* 126 (lír.), 383 (mensageiro), 789 (corifeu); *Se.* 80 (corifeu), 89, 290 (lír.); *Su.* 400, 485 (Pelasgo), 621 (Dânao); *Ag.* 189 (lír.); *Eum.* 15 (prof.), 290 (Orestes), 638 (Apolo), 681 (Atenas), 775 (Orestes), 997 (lír.). Entre os onze casos da recitação, dois são pronunciados por mulheres.

⁶⁷ *Ag.* 1068 (Clitemnestra); *Eum.* 2 (profetisa).

⁶⁸ McCall (1900). Devemos supor um coro de meninas argivas, como nas *Suplicantes* do mesmo Ésquilo, na *Electra* de Sófocles e na *Electra* e no *Orestes* euripidianos.

casos de γνῶμαι, *Ag.* 36 βούς ἐπὶ γλώσση μέγας (vigia), 939 ὁ δ' ἀφθόνητός γ' οὐκ ἐπίζηλος πέλει (Clitemnestra)⁶⁹.

Traços de natureza dúbia

O grego clássico apresenta uma dupla formação do dativo plural das flexões temática e semitemática, com desinências dissilábicas, ‘longas’, derivadas do antigo instrumental, *-οισι, *-αισι/-ησι, e desinências monossilábicas, ‘breves’, derivadas do próprio dativo, *-οις, *-αις. Em nossa análise, consideramos que, provavelmente, o uso dos dativos longos era mais frequente no socioleto feminino; de fato, em Eurípides era evidente a aplicação estilística desta tendência⁷⁰.

Os dados são mais claros que as teorias. No *Agamêmnon* os dativos ‘longos’ são estes: 262, 331, 616, 1209, 1349, 1361, 1366, 1612 (coro); 520 (*bis*), 570, 621, 648, 654 (arauto); 821, 852 (*Agamêmnon*); 885, 893, 964 (*Clitemnestra*); 1234, 1313 (*Cassandra*); 1666 (*Egisto*); dativos ‘breves’: 3, 5, 13, 27 (vigia); 289, 313, 334, 593 (*bis*), 596, 606, 608, 862, 889, 892, 933, 941 (*bis*), 961, 964, 971, 1045, 1374, 1379, 1387, 1416 (*Clitemnestra*); 494, 499, 585, 1363 (*bis*), 1653 (coro); 510, 565, 566, 570, 574, 578 (*bis*), 648, 649, 660 (*bis*), 677, 900, 903, 908 (arauto); 829, 832, 836, 918, 923, 936, 946 (*Agamêmnon*); 1189, 1210, 1216, 1217, 1221, 1271 (*bis*), 1324 (*ter*), 1325 (*ter*), 1329 (*Cassandra*); 1580 (*bis*), 1600, 1606, 1631, 1640, 1666 (*Egisto*).

Dativos ‘longos’ nas *Coéforas*: 13, 223, 228, 268, 275, 485, 572, 658 (*bis*), 700, 703, 1005 (*Orestes*); 94, 99, 109, 135 (*bis*), 148, 176, 202, 206, 222, 494 (*Electra*); 529, 780, 1064 (coro); 662, 665 (servo); 669, 689, 698, 898 (*Clitemnestra*); 774 (*Cilissa*); dativos ‘breves’: 11, 15, 212 (*bis*), 228 (*bis*), 223 (*ter*), 261 (*bis*), 275, 279, 280 (*bis*), 291 (*bis*), 297 (*bis*), 484, 485, 493, 496, 566, 654, 975, 1022, 1026, 1050 (*Orestes*); 93, 101, 129, 135, 142 (*bis*), 146, 178, 205, 210 (*ter*), 222 (*bis*) (*Electra*); 117 (*bis*), 173, 175 (*bis*), 552, 768, 1064 (coro); 662, 876, 879 (servo); 669, 689, 694 (*bis*), 695, 885, 888 (*Clitemnestra*); 739 (*bis*), 740 (*bis*), 745 (*bis*), 746, 755, 774, 781 (*bis*) (*Cilissa*); 841 (*Egisto*).

Finalmente, nas *Eumênides* encontramos estes dativos ‘longos’: 47, 49, 53, 63 (profetisa); 66, 185, 195, 207, 216, 219, 233, 616, 626, 628, 665, 718, 721, 730 (*Apolo*); 93, 239, 452 (*bis*), 464, 594, 769, 772 (*Orestes*); 96 (*bis*), 97 (espectro de *Clitemnestra*); 411, 694, 703, 806, 858 (*bis*), 862, 908, 1024, 1031 (*Atenas*); 599, 655 (coro); dativos ‘breves’, 20, 21, 25, 34, 49, 63 (profetisa); 66 (*bis*), 185, 191, 195, 207, 233, 616, 626, 627, 628, 718, 721, 722, 723 (*Apolo*); 119, 136 (espectro de *Clitemnestra*); 239, 276, 283 (*bis*), 292, 295, 451, 452 (*bis*), 460, 464, 594, 613, 758, 767, 769, 774,

⁶⁹ Para a preferência das mulheres com relação ao uso de γνῶμαι, como estratégia comunicativa econômica para a expressão e além da posição pessoal, no sentido que se refere à sabedoria comum, veja-se Redondo (2915a, p. 245).

⁷⁰ Redondo (2016a, p. 66): “Se estivermos certos (...), os dativos longos possivelmente foram mais habituais no socioleto feminino, mas o uso que deles faz Eurípides para a caracterização de seus personagens responde também às características de um recurso estilístico”.

776 (*bis*) (Orestes); 245, 250, 417, 642, 655 (*ter*) (coro); 402, 405 (*bis*), 412, 432, 441, 442, 694, 697, 743, 806, 854 (*bis*), 855, 858, 860, 862 (*bis*), 915, 1028 (*bis*), 1031 (Atenas).

As frequências são estas: enquanto *Agamêmnon* apresenta vinte e dois dativos longos e setenta e cinco breves, as *Coéforas* oferecem, respectivamente, trinta e três e setenta e três; as *Eumênides* quarenta e um e sessenta e um; isto é, Ésquilo fez um uso cada vez mais extenso dos dativos longos, pensemos que por razões estilísticas, literárias, não por uma imitação geral da fala, em que se deveria reconstruir um claro predomínio das formas breves. Mas, e para os personagens, como foi? No *Agamêmnon* tanto as mulheres como os homens usam um dativo longo a cada sete breves: Clitemnestra usa três dativos breves para vinte e dois longos; Cassandra dois breves para catorze longos; Agamêmnon dois breves para sete longos; Egisto um breve para sete longos. Dois personagens se distanciam: o arauto, com seis dativos longos para quinze breves, e sobretudo o coro, com oito dativos longos para seis breves. Então, aqui o arauto e os anciãos argivos usam uma língua arcaizante.

Nas *Coéforas* a situação é diferente: o coro por exemplo, usa três formas longas para sete breves, Orestes doze longas para vinte e nove breves; ambas as frequências seriam mais próximas do ático contemporâneo, e talvez o personagem que mais se aproxima é a serva Cilissa, com um único dativo longo para onze breves. Justamente o oposto, há dois personagens femininos que usam abundantemente as formas longas, com quatro dativos longos para sete breves na língua de Clitemnestra, e ainda onze longos para catorze breves em *Electra*. Para estes personagens, portanto, o autor quis criar um perfil linguístico especial.

Nas *Eumênides*, talvez apenas o coro das Erínias chegue a uma frequência próxima à da fala, com dois dativos longos e sete breves⁷¹. Todos os demais personagens adotam um idioleto repleto de solenidade, em que os dativos longos aumentam: a profetisa usa quatro dativos longos e seis breves; o espectro de Clitemnestra, três longos e dois breves; Apolo, catorze longos e quinze breves; Orestes, catorze longos e dezenove breves; Atenas apresenta uma frequência muito mais baixa: dez longos e vinte e dois breves. Em suma, este traço evidencia a ação do poeta para caracterizar seus personagens, mas não há um contraste de gênero.

Para o pronome οὔτις, costumeiramente substituído por οὐδεῖς, os casos da trilogia mostram um aumento da frequência: *Ag.* 186, 396, 466, 1099 e 1333, *Coe.* 71, 565, 637, 747, 1018 e 1033, *Eum.* 197, 314, 426, 588, 648, 666, 702 e 736⁷². Destes 19 casos, nove são ditos na recitação, também em franca progressão, *Coe.* 565, 747 e 1033; *Eum.* 426, 588, 648, 666, 702 e 736⁷³. A inovação – apenas literária – de usar οὔτις na recitação, todavia, não apresenta nenhuma diferença segundo o gênero do

⁷¹ Francobandiera (2008, p. 92) exclui considerar as Erínias como simples animais.

⁷² *Ag.* 186, 396, 466, 1099, 1333; *Coe.* 71, 565, 637, 747, 1018, 1033; *Eum.* 197, 314, 426, 588, 648, 666, 702, 736.

⁷³ *Coe.* 565, 747, 1033; *Eum.* 426, 588, 648, 666, 702, 736.

personagem⁷⁴. Poderíamos concluir que onde não havia um traço real, exatamente do socioleto, não havia necessidade de uma impoção, que em nada refletia a fala.

De οὐχί, *by-form* do advérbio de negação, Dindorf dizia: *formae disyllabae pauca sunt exempla*⁷⁵. Decerto, há alguns. Vemos muito bem a sua coloquialidade nos textos, em que οὐχί aparece sempre em orações interrogativas diretas. Na *Oresteia* – além dos fr. 321, 932 e 952 –, Ésquilo não rechaça o emprego de οὐχί, usado por Clitemnestra (*Ag.* 273), Pelasgo e o arauto (*Su.* 476, 498). Novamente, não faremos distinção de gênero, mas, antes de mais nada, precisamos estabelecer como as soluções coloquiais não são excluídas do socioleto feminino.

A conjunção εἴτε não é própria da fala⁷⁶, nem sequer da prosa literária; Ésquilo a constrói com diversos modos – indicativo, subjuntivo, optativo –, mas o indicativo permanece nas seções líricas⁷⁷. Tampouco há alguma distinção de gênero na distribuição socioletal⁷⁸, não obstante se possa observar que Ésquilo reflete os socioletos sempre segundo seu uso real.

Não há traços de interesse para a presente pesquisa: o uso do artigo, por exemplo, responderia a uma evolução cronológica, ao invés de critérios socioletais⁷⁹.

Conclusões

Vejamos algumas conclusões, talvez provisórias. De fato, a simples exposição dos dados ofereça, por si só, uma impressão bem coerente. No campo teórico, as pesquisas contemporâneas sugerem que a expressão feminina vem, provavelmente, associada com aqueles gêneros literários em que o discurso é mais próximo de uma expressão subjetiva, conotativa, portanto, frequentemente definida pela predominância da lamentação ou da petulância; ao contrário, distancia-se de uma expressão objetiva, denotativa⁸⁰; assim, os gêneros lírico e dramático seriam mais fáceis, por sua vez aqueles da historiografia ou do ensaio científico penosos. Nós recusamos este argumento, cuja validade para a literatura grega antiga não parece aceitável (REDONDO, 1926a). No âmbito dos estudos clássicos, foi atribuída à fala das mulheres trágicas uma forte tendência conservadora, caracterizada por uma dicção

⁷⁴ Exemplos sempre de *Coéforas* e *Eumênides*: *Coe.* 565, 1033; *Eum.* 588 (Orestes); *Coe.* 747 (Cilissa); *Eum.* 426, 702, 736 (Atenas); *Eum.* 648, 666 (Apolo).

⁷⁵ DINDORF, 1876, p. 256. Os exemplos são *Ag.* 273; *Su.* 476 (Pelasgo), 918 (arauto), fr. 321, 932, 952.

⁷⁶ MEISTERHANS & SCHEYZER, 1900, pp. 251-252.

⁷⁷ Indicativo: *Pe.* 854; *Se.* 745; *Su.* 592; *Ag.* 187, 985; subjuntivo: *Se.* 338; subjuntivo e partícula modal: *Pe.* 230, 364; *Ag.* 12, 422; *Coe.* 743; optativo: *Ag.* 565.

⁷⁸ *Pe.* 230 (Atossa); *Coe.* 743 (Cilissa); *Pe.* 364 (mensageiro); *Ag.* 12 (vigia), 565 (arauto).

⁷⁹ Ambrosini (1988, p. 28): “O *Agamêmnon* possui 267 casos, um a cada 6,26 versos; as *Coéforas* 171 casos, um a cada 6,29 versos; as *Eumênides* 164, um a cada 6,38”.

⁸⁰ HOLMES (1984, 2008, 2011).

arcaizante, e, portanto, para evitar as inovações⁸¹. A pesquisa contemporânea sublinha a conclusão contrária, uma vez que as mulheres inovam muito quando a sua posição social se assemelha àquela dos homens (TRUDGILL, 1972; CHAMBERS & TRUDGILL, 1980, p. 156). Pela nossa pesquisa, concluímos que a *Oresteia* apresenta traços conservadores e inovadores, conforme os interesses do autor para colocar em cena personagens mais afastados ou mais próximos da língua falada. Devemos observar que o vigia usa uma língua muito mais variada e complexa do que os outros personagens.

O exame da língua dos personagens femininos, comparada com aquela dos masculinos, nos mostra que há elementos para uma caracterização, e que não há uma limitação nem de níveis linguísticos envolvidos nem de personagens caracterizados⁸². Alguns dados, a crase, a prodelisão, o dual, sugerem certa evolução do autor, mas não no sentido indicado por McClure (1999, p. 71)⁸³. Há personagens a serem definidos mais cuidadosamente. De fato, no idioleto da rainha existem traços comuns a outros personagens femininos, ao lado de traços que não seguem as tendências deste socioleto: no uso da crase exibe um idioleto solene, em que este traço é mais restrito; por sua vez, um sinal de oralidade como a prodelisão também é bastante frequente. Neste sentido, a nossa análise coincide no conjunto com a opinião de McClure sobre a natureza da língua de Clitemnestra, mas dela se distancia no particular⁸⁴. Por outro lado, Egisto compartilha com o socioleto das mulheres traços bastante significativos καὶ μὴν e ἀλλά – a crase, as subordinadas, usos de καὶ μὴν e ἀλλά – que fornecem uma imagem feminina. Outro tema a ser considerado fará referência à humanização de Atenas, que o autor delineou com traços da crase, dativos longos e a subordinação; inversamente, a prodelisão avizinha a deusa de uma léxis próxima da fala. É exatamente o contrário o caso de Cassandra: muito baixa frequência de crases e de orações subordinadas, e extrema abundância de dativos longos – se comparados, por exemplos, com Cilissa. A baixa frequência das orações subordinadas na língua das Erínias aponta para o mesmo caso.

Mais três observações: por um lado, poucos traços bastam para definir o caráter de um personagem: nas intervenções de Clitemnestra e de Electra os dativos longos caracterizam uma língua solene e, por assim dizer, revestida de aura de um poder assegurado pela tradição; por outro lado, em nossa opinião, há uma base para reconhecer como Ésquilo obtém não só a caracterização das mulheres como grupo social, mas ainda de cada mulher como personagem dramático; finalmente, a imitação dos socioletos aponta progressivamente para um sentido de realidade, de autenticidade.

⁸¹ McClure (1995, p. 59): “Nós devemos considerar que um tipo mais conservador de fala do que os coloquialismos encontrados na comédia deve evidenciar algumas características da fala tipicamente designados para mulheres na tragédia”.

⁸² Boas (2018, p. 332): “Caracteres menores parecem ser distinguidos por sua linguagem, especificamente por coloquialismos, um uso maior de generalizações e provérbios, e possivelmente pela sintaxe”.

⁸³ McClure (1999, p. 71): “(...) O drama mostra um movimento da fala feminina, figurativa e falsa do primeira peça para uma fala ideal de masculino, não ambígua, e divinamente sancionada do tribunal na terceira”.

⁸⁴ McClure (1999, p. 78): “Por um lado, Clitemnestra obedece às convenções da fala feminina correta (...). Por outro lado, sua manipulação de práticas discursivas masculinas (...) continuamente inverte os gêneros do discurso acordados às mulheres”. Clitemnestra exibiria uma ambiguidade linguística entre o feminino e o masculino.

Referências bibliográficas:

- AMBROSINI, Riccardo. L'uso dell'articolo nei tragici greci, e soprattutto in Eschilo. In: *SSL*, 28, 1988, pp. 25-40.
- AMENDOLA, Stefano. Il grido di Clitemestra. In: *Lexis*, 23, 2005, pp. 19-29.
- BAIN, David. Female speech in Menander. In: *Antichthon*, 18, 1984, pp. 43-77.
- CHAMBERS, Jack K. & TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge UP, 1980.
- COLLARD, Christopher. Colloquial language in tragedy: a supplement to the work of P.T. Stevens. In: *CQ*, 55, 2005, pp. 350-86.
- COLVIN, Stephen. *Dialect in Aristophanes. The politics of language in Ancient Greek literature*. Oxford: Oxford UP, 1999.
- DENNISTON, John Dewar. *The Greek particles*. Oxford: Clarendon Press, 1954.
- DINDORF, Wilhelm. *Lexicon Aeschyleum*. Leipzig: Teubner, 1876.
- DUHOUX, Yves. Langage de femmes et d'hommes en grec ancien: l'exemple de Lysistrata. In: PENNEY, John H. W. (Ed.). *Indo-European perspectives: studies in honor of Anna Morpurgo Davies*. Oxford: Oxford University Press, 2004, pp. 131-45.
- EASTERLING, Patricia. Presentation of Character in Aeschylus. In: *G&R*, 20, 1973, pp. 3-19.
- FOLEY, Helene. *Female acts in Greek tragedy*. Princeton: Princeton UP, 2001.
- FRAENKEL, Eduard. *Due seminari romani tenuti da Eduard Fraenkel*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1977.
- FRANCOBANDIERA, Daria. I gemiti delle Erinni: Aesch. *Eum* 103-130. In: *QUCC*, 90, 2008, pp. 89-98.
- FRANCOBANDIERA, Daria. Effets sémantiques et fonctionnalité dramatique de quelques interjections dans les *Euménides* d'Eschyle. *Méthodos*, 12, <https://methodos.revues.org/2950>, 2012.
- HOLMES, Janet. Women's language: a functional approach. In: *General linguistics*, 24, 1984, pp. 149-78.
- HOLMES, Janet. *An introduction to sociolinguistics*. Harlow: Longman, 2008.
- HOLMES, Janet. Women's talk: the question of sociolinguistic universals. In: PICHLER, Pia & COATES, Jennifer (Eds.), *Language and gender: a reader*. Oxford & Malden: Wiley & Blackwell 2011, pp. 461-483 (= *Australian Journal of Communication* 20, 1993, pp. 125-49).
- KATSOURIS, Andreas G. *Linguistic and stylistic characterization*. Tragedy and Menander. Ioannina: University of Ioannina, 1975.
- KEY, Mary Ritchie. *Male/Female language, with a comprehensive bibliography*. Lanham & London 1996.
- MCCALL, Marsh. The Chorus of Aeschylus' Choephoroi. In: *Cabinet of Muses: essays in honor of Thomas G. Rosenmeyer*. Berkeley: University of California Press, 1990, pp. 17-30.
- MCCLURE, Laura. Female speech and characterization in Euripides. In: DE MARTINO, Francesco & SOMMERSTEIN, Alan H. (Eds.). *Lo spettacolo delle voci II*, Bari, 1995, pp. 35-60.
- MCCLURE, Laura. *Speech and gender in Aeschylus' Oresteia, spoken like a woman: speech and gender in Athenian drama*. Princeton: Princeton University Press, 1999, pp. 70-111.
- MEISTERHANS, Konrad & SCHWYZER, Eduard. *Grammatik der attischen Inschriften*. Berlin: Weidmann, 1900.
- NÜNLIST, René. *The ancient critic at work: terms and concepts of the ancient literary criticism in Greek Scholia*. Cambridge: Cambridge UP, 2009.
- PARRY, Anne Amory. *Blameless Aegisthus: a study of ἀμύμων & other Homeric epithets*. Leiden: Brill, 1973.
- PLATNAUER, Maurice. Prodelision in Greek Drama. In: *CQ*, 10, 1960, pp. 140-44.

- PODLECKI, Anthony J. **The political background of Aeschylean drama**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1966.
- PULLEYN, Simon. Erotic undertones in the language of Clytemnestra. In: **CQ**, 47, 1997, pp. 565-67.
- REDONDO, Jordi. Sociolecto y sintaxis en la comedia aristofánica. In: LÓPEZ EIRE, Antonio (Ed.). **Sociedad, política, literatura. Comedia griega antigua**. Salamanca: Universidad de Salamanca, 1997, pp. 313-28.
- REDONDO, Jordi. The female sociolect in the Aristophanic comedy and the Attic classical oratory. In: REDONDO, Jordi & SÁNCHEZ i BERNET, Andrea. **Archaic, classical and Hellenistic Greek poetry. Contributions to the history of the ancient Greek language**. Amsterdam: Hakkert, 2015a, pp. 233-56 (= El sociolecte femení a la comèdia aristofànica. In: **QF**, 7, 2002, pp. 207-24).
- REDONDO, Jordi. La parla dels personatges secundaris als pròlegs de la tragèdia euripídica. In: DE MARTINO, Francesco & MORENILLA, Carmen (Eds.). **En el umbral de la obra: personajes secundarios en el prólogo**. Bari: 2015b, pp. 217-35.
- REDONDO, Jordi. Variantes y estándar dialectal en el Ática clásica II. La lengua de la comedia aristofánica, el ático antiguo y el ático nuevo. In: **REC**, 42, 2015c, pp. 189-206.
- REDONDO, Jordi. **Para una sociolingüística del griego antiguo. Estudio de los sociolectos de la lengua griega: literaturas clásica, helenística e imperial**. Madrid: Ediciones Clásicas, 2016a.
- REDONDO, Jordi. Osservazioni sociolinguistiche sulla commedia di Aristofane. In: **Hermes**, 144, 2016b, pp. 265-78.
- ROISMAN, Hannah. Women's free speech in Greek tragedy. In: SLUITER, Ineke & ROSÉN, Ralph (Eds.). **Free speech in classical Antiquity**. Boston & Leiden: Brill, 2004, pp. 91-114.
- ROSE, Herbert Jennings. Aeschylus the psychologist. In: **SO**, 32, 1956, pp. 1-21.
- ROSENMEYER, Thomas G. **The art of Aeschylus**. Berkeley: University of California Press, 1982.
- SÁNCHEZ i BERNET, Andrea. Breu anàlisi lingüística del cor de *Perses*. In: **Tycho**, 5, 2017, pp. 217-28.
- SEIDENSTICKER, Bernd. Charakter und Charakterisierung bei Aischylos. In: JOUANNA, Jacques & MONTANARI, Franco (Eds.). **Eschyle à l'aube du théâtre occidental**. Genève: Fondation Hardt, 2009, pp. 205-56.
- SOMMERSTEIN, Alan Herbert. The language of Athenian women. In: DE MARTINO, Francesco & SOMMERSTEIN, Alan H. (Eds.). **Lo spettacolo delle voci II**, Bari, 1995, pp. 61-85.
- STEVENS, Philip Theodore. **Colloquial expressions in Euripides**. Wiesbaden: Steiner, 1976.
- THESLEFF, Holger. **Studies on intensification in Early and Classical Greek**. Helsinki-Helsingfors: Societas Scientiarum Fennica, 1954.
- THOMSON, George. The postponement of interrogatives in Attic drama. In: **CQ**, 33, 1939, pp. 147-52.
- TRUDGILL, Peter. *Sex, covert prestige and linguistic change in the urban*. In: **British English of Norwich, Language in society** 1, 1972, pp. 179-95.
- VAM ENDE BOAS, Evert. Aeschylus, In: DE TEMMERMANN, Koen & VAM ENDE BOAS (Eds.). **Characterization in Ancient Greek literature**. Leiden & Boston, 2018, pp. 317-36.
- VAN ERP TAALMAN KIP, A. M. καὶ μήν, καὶ δὴ and ἤδη in tragedy and comedy. In: BAKKER, Stephanie & WAKKER, Gerry C. (Eds.). **Discourse cohesion in Ancient Greek**. Leiden & Boston: Brill, 2009, pp. 111-34.
- ZILLIACUS, Henrik. Notes on the periphrases of the imperatives in Classical Greek. In: **Eranos**, 44, 1892, pp. 266-279.

